



XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **12/07/2018**

Aprovado em: **13/07/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.05.07>

NARRATIVA DE FORMAÇÃO DOCENTE: PRÁTICAS DO ESTÁGIO E VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

EIXO: 5. EDUCAÇÃO E INFÂNCIA

JULIANA PEREIRA SANTOS, PEDRO PAULO SOUZA RIOS

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo narrar as vivências durante o desenvolvimento do componente curricular Pesquisa e Estágio em Educação Infantil da Universidade do Estado da Bahia, Campus VII. Nesta narrativa, atrevo-me trazer elementos que contribuíram para a prática do meu estágio na Educação infantil. Em linhas, descrevo as vivências, aprendizagens adquiridas, os desafios enfrentados e o conhecimento acerca de questões relacionadas à criança e a infância, até então não compreendidas, perpassando pelas aulas teóricas, a observação até a realização do estágio, que de maneira processual possibilitou discutir e vivenciar práticas ligadas a Educação Infantil e à pesquisa com crianças em um contexto de sala de aula, na primeira etapa da educação básica. Dessa forma entendo que o estágio se constitui momento impar na formação docente.

ABSTRACT: The purpose of this article is to narrate the experiences during the development of the research component and Internship in Early Childhood Education of the State University of Bahia, Campus VII. In this narrative, I dare to bring elements that contributed to the practice of my internship in early childhood education. In lines, I describe the experiences, acquired learning, the challenges faced and the knowledge about issues related to children and childhood, which were not understood until then, passing through theoretical classes, observation until the completion of the stage, which in a procedural way made it possible to discuss and to experience practices related to Early Childhood Education and to research with children in a classroom context, in the first stage of basic education. In this way I understand that the internship is an odd moment in teacher training.

ESTÁGIO: CAMINHOS A SEGUIR, NUM MOMENTO PARA ESTAR

“Poderia me dizer, por favor, que caminho tomar para sair daqui” Perguntou Alice

“Isso depende bastante de onde você quer chegar”, disse o Gato.

“O lugar não me importa muito [...]”, disse Alice.

“Então não importa que caminho você vai tomar”, disse o Gato.

“[...] desde que eu chegue a algum lugar”, acrescentou Alice

“Oh, você vai certamente chegar a algum lugar”, disse o Gato, “se caminhar bastante”. Lewis Carroll

O fragmento descrito acima, do diálogo entre Alice e o Gato do conto *Alice no País das Maravilhas*, de algum modo descreve o momento inicial do Estágio em Educação Infantil. O desejo primeiro era saber “que caminho tomar para sair daqui”, uma vez esse o caminho não se mostrava por inteiro. Comecei a entender que se tratava de um processo e era necessário fazê-lo de etapa por etapa para só então chegar ao momento final era necessário. Num primeiro momento eu estava perdida e, assim, como Alice e queria chegar “o lugar não me importo muito”. Nesse momento a teorização a partir dos textos, a aulas expositivas, a definição de conceito foram imprescindíveis para saber que o objetivo não era chegar a qualquer lugar, ao contrário, era perceber as mudanças ocorridas no meu processo formativo durante todo processo.

Descobrir então que o período de estagiar se constitui de um estar por inteira, completa, se configurando, portanto, numa prática surpreendente, pois levou-me a desbravar um caminho desconhecido e cheio de surpresas. Nesta narrativa, atrevo-me trazer elementos que contribuíram para a prática do meu estágio na Educação infantil. Em linhas, descrevo as vivências, aprendizagens adquiridas, os desafios enfrentados e o conhecimento acerca de questões relacionadas à criança e a infância, até então não compreendidas. O estágio, de maneira processual possibilitou discutir e

vivenciar práticas ligadas às crianças em um contexto de sala de aula, na primeira etapa da educação básica.

Foi possível constatar, que por muito tempo a educação não era voltada para a criança e quando passou a existir não era prioridade, mas uma educação voltada ao assistencialismo. De acordo com Oliveira (2013, p. 21) “até meados do século XIX, não existia em nosso país o atendimento a crianças pequenas longe da mãe, em instituições tipo creches, parques infantis ou jardins de infância”. Porém, a realidade nos tempos atuais é diferente, o contexto educacional é outro, pois a Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e Adolescente e as Leis das Diretrizes e Bases 9394/96 colocam a criança enquanto sujeito de direitos, passando a ter garantias, especificamente uma educação assistida e de qualidade. E, para que este direito seja assegurado faz-se necessário que os/as profissionais/as envolvidos/as com a educação das crianças tenham, em seu currículo uma formação que possa abarcar todas as propostas presentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, além do caráter pessoal de comprometimento e responsabilidade com o desenvolvimento integral e a aprendizagem dessas crianças.

A criança é um ser que aprende o tempo todo e “constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa experimenta, narra e constrói sentidos sobre a natureza e sociedade, produzindo cultura” (BRASIL, 2010). Para que a criança possa vir tornar-se um cidadão/ã reflexivo/a o caminho é percorrido através do espaço escolar.

Nesse sentido, pude estar me constituindo como futura docente através do estágio, socializando o conhecimento adquirido no âmbito acadêmico para o espaço educacional na Creche e Escola Kolping, realizando atividades, especialmente com os dois eixos estruturantes para educação infantil: brincadeiras e interações, assegurando os direitos de aprendizagem e desenvolvimento – conviver, brincar, participar, explorar e conhecer-se, de acordo com a Base Comum Curricular.

Durante o estágio foi possível ainda aproximar teoria e prática, para tanto, com o intuito de maior compreensão acerca do caminho percorrido, recorri à bibliografia estudada durante o semestre: Souza (2006), Abramovich (1997), Antunes (2006), Oliveira (2012), Faria (2010), Coelho (2000), dentre outros/as e assegurando-me em realizar práticas e dinâmicas embasadas na Base Comum Curricular e pelas Diretrizes curriculares nacionais para educação infantil.

1. NARRATIVAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL: CAMINHOS PERCORRIDOS DURANTE O ESTÁGIO

Vislumbrar os caminhos a serem percorridos durante o desenvolvimento do componente curricular Estágio e Pesquisa em Educação Infantil se configurou num momento desafiador e ao mesmo tempo enriquecedor. A escrita da narrativa como produto final dessa experiência se constitui, portanto, num momento ímpar, uma vez que tal método perpassa por questões que vão além da subjetividade, uma vez que nos possibilita tornar a escrita acadêmica uma escrita de si, se configurando em auto escrita da nossa trajetória na universidade, humanizando ainda mais a formação docente. Nesse sentido, Souza (2006) afirma que,

A escrita da narrativa potencializa no sujeito o contato com a sua singularidade e o mergulho na interioridade do conhecimento de si, ao configurar-se como atividade formativa porque remete ao sujeito para uma posição de aprendiz e questiona suas identidades a partir de diferentes modalidades de registros que realiza sobre suas aprendizagens experienciais (p.136).

Concordo com Souza, pois tem sido por meio das narrativas que consigo refletir acerca das práticas e propostas pedagógicas que desenvolvi com as crianças da Creche Escola Kolping. Ainda, sobre as narrativas Schmutz-Brun (1998) relata que,

Em sua consequência, as narrativas de experiência implicam os narradores-docentes estagiários em sua subjetividade, sua historicidade, suas dúvidas e suas crenças. Partilhando suas narrativas de experiências vividas durante seu estágio de formação, os futuros professores se formam dentro de um perfil e tomam consciência de suas competências e fraquezas (p.40).

Nessa perspectiva, busquei dentro do meu ser elementos que configuraram meu estágio, trazendo-os de um modo científico, organizado e coerente; os momentos, angústias, frustrações, alegrias, aprendizagens e conhecimento oportunizado através do componente curricular Estágio.

1.1 Teorizando a educação infantil: narrativas acerca da teoria

Nos semestres que antecederam o estágio era comum ouvimos e falarmos que teoria é uma coisa e a prática é outra. Contudo as concepções teóricas suscitadas nas aulas de estágio foram imprescindíveis no que se refere a uma maior compreensão do fazer pedagógico na prática. Os textos trabalhados em sala de aula tinham por objetivo tornar o teórico o mais prático possível, ao tempo em nos instigava a teorizar nossa prática de estágio. Assim, as aulas eram sempre dinâmicas, persuasivas, interativas e didaticamente organizadas de tal modo que contribuiu de maneira significativa com o estágio e na sua relação teórico-prática. Conforme Rays (1996),

É a atividade teórico-prática do homem que motiva e promove, criticamente, transformações na realidade objetiva e no próprio homem. Nesse sentido pode-se afirmar que é a atividade (o conhecimento teórico-prático do homem) que assegura ao ser humano as condições socioculturais e as bases materiais de sua própria existência. Desse modo, a teoria - o conhecimento - é um momento da prática – ação-, assim como a prática é um momento da teoria e do próprio pensar (p. 37).

Nesse sentido, foi perceptível a aproximação entre teoria e prática durante o desenvolvimento de todas as etapas do estágio. É pertinente ressaltar ainda as vinculações estabelecidas com componentes trabalhados anteriormente. Posso ouvir a voz do professor de estágio dizendo: *Lembram que vocês trabalharam esse conteúdo em psicologia do desenvolvimento* ou ainda: *Esse conteúdo foi estudado por vocês em antropologia... em sociologia... em ludicidade... em didática, etc.* E dessa maneira íamos cuidadosamente tecendo os fios entre o estágio e os demais componentes.

Podemos dizer que houve todo um planejamento pensando cuidadosamente no que se refere a escolha dos/as teóricos/as trabalhados/as durante o curso. De um modo geral e, dentre várias iniciativas construtivas presentes nas aulas de estágio uma delas foi refletir acerca de textos de autores/as que conhecem o contexto sociocultural na qual estamos inseridos/as, como por exemplo: Fanny Quitéria Rehem, professora de Educação Infantil da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS; e Elizeu Clementino Souza, professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus I. Estudar esses/as teóricos/as foi particularmente interessante, por estarem próximos à realidade acadêmica da minha universidade.

A organização presente no desenvolvimento do componente contribuiu significativamente para minha aprendizagem, pois foram trabalhados textos científicos, mas com uma linguagem compreensível

acerca de todo um estudo sobre a criança e seu percurso histórico; para o desenvolvimento do projeto de pesquisa, houve um embasamento através dos teóricos que discutem o estágio e para dar maior suporte à elaboração do produto final, o professor apresentou textos escritos por estudiosos que defendem a importância das narrativas acadêmicas e as narrativas orais que aconteciam durante um momento reservado da aula facilitaram as trocas de experiências oportunizando-me a refletir atitudes e aspectos concernentes ao estágio.

Logo, todo esse conjunto de aprendizagens lançadas em sala, de um modo bem estruturado, contribuiu de maneira significativa para meu arcabouço teórico e enriqueceu meu conhecimento, não apenas no campo do estágio, mas também a cientificidade e o valor imensurável de uma escrita narrativa e as diversas possibilidades de ser pesquisadora na minha área de estudo.

1.2 A observação: atividade antecedente ao estágio

A observação possibilitou-me considerar os aspectos amplos e específicos dentro do contexto em que atuei. Durante o estágio fui levada a refletir o meio educacional e perceber que há toda uma preparação embasada pelo conhecimento científico, aporte, teórico e todo um roteiro de observação. Gomes (2010) afirma que,

Ao observar a prática de um educador, invariavelmente diferente de um lugar para outro, por exemplo, o estagiário precisa ter condições de aprender a (s) teoria (s) que o sustenta (m) e poder realizar uma leitura pedagógica para além do senso comum, tendo como base teorias e fundamentos estudados e confrontados com as situações da prática profissional para a produção de alternativas e de novos conhecimentos. Estamos referindo-nos às práxis, à capacidade de articular dialeticamente o saber teórico e a prática (GOMES, 2010, apud Lugle; Magalhães, p.27).

Através da observação pude perceber a estrutura física, o ensino/aprendizagem, qual o perfil de aluno, a metodologia da professora e a rotina da creche-escola e antes que eu pudesse iniciar meu estágio, me organizei de acordo com os parâmetros da instituição de ensino. Ao observar busquei informações acerca do modelo teórico que a creche-escola se baseia e, de acordo com o Plano Político Pedagógico (2017) da Creche Escola Kolping é o socioconstrutivismo,

O principal representante dessa corrente é o Bielo-russo Lev S. Vygotsky (1896-1934). Para Vygotsky, a aprendizagem é um processo social e, por isso deve ser mediada. Nessa concepção o papel da escola é orientar o trabalho educativo para estágios de desenvolvimento ainda não alcançados pelo aluno, impulsionando novos conhecimentos e novas conquistas a partir do que já sabe, constituindo uma ação colaborativa entre educador e o aluno. De acordo com a perspectiva socioconstrutivista, é possível compreender que o processo de aprendizagem é importante, pois se constitui de conteúdos estruturados e organizados, os quais, por sua vez, são repassados por meio de uma interação social que tem como objetivo alcançar o desenvolvimento cognitivo, cultural e social de um aluno e, dessa maneira, a sua integração no seu meio social como um ser transformador do seu meio (p.17).

Diante dessa descoberta, proporcionada pela observação, é importante ressaltar a sua importância como parte fundamental no processo de estágio, pois me norteou a buscar uma linha que estivesse engajada com as dinâmicas da escola.

Iniciar essa atividade de observação não foi tão fácil, pois estava cheia de inseguranças e temores. Senti-me angustiada com a possibilidade de não dar certo. Porém, ao fazer a análise durante uma semana fui me adaptando à rotina e me preparando para escrever um projeto sobre leitura cujo desenvolvi com as crianças da creche. Logo, ressalto que o observar gerou em mim o desejo de realizar meu estágio com satisfação, pois assegurou o conhecimento de todo o contexto escolar bem como pude identificar o perfil psicológico dos alunos.

1.3 Vivenciando o estágio na Educação infantil

O respectivo estágio foi direcionado à primeira etapa da educação básica: a educação infantil. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) é definida como:

Primeira etapa da educação básica oferecida em creches e pré-escolas, as quais caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do Sistema de ensino e submetidos a controle social (p. 15).

Ao inicia-lo precisei me permitir e perceber que o estágio como campo de aprendizagem é imprescindível para a formação do profissional de pedagogia que atua, especialmente na área da educação. Para Pimenta e Lima (2014),

[...] o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas (p. 06).

Nesse sentido, o estágio foi uma grande oportunidade na construção da minha identidade docente, momento de crescimento e busca do conhecimento, criar práticas e elaborá-las, enfim experimentei vivências que farão parte da minha identidade como profissional.

Dessa maneira, entendo que assim como a educação contribui para o desenvolvimento sociocultural dos sujeitos, destacamos que o estágio teve grandes contribuições para meu crescimento nesse processo formativo, haja visto que é através das experiências construídas ao longo das observações e do período da regência que o estagiário vai construindo sua prática docente e sua identidade.

Através do estágio na educação infantil contemplei a riqueza de estar em um espaço significativo para a sociedade. Ao receber as crianças na entrada, no pátio da escola e ao vê-las/los adentrando a sala de aula, segurando suas pequenas mochilas e organizando em seus devidos lugares, sentia uma grande responsabilidade e sempre procurava dar o melhor de mim, incentivando-as a ser independentes.

A docência na Educação Infantil requer, do/a professor/a, saberes atendam as especificidades das crianças. Sobre isso, Rocha (1999, p. 62) sinaliza que,

Enquanto a escola se coloca como espaço privilegiado para o domínio dos

conhecimentos básicos, as instituições de educação infantil se põem, sobretudo, com fins de complementaridade à educação da família. Portanto, enquanto a escola tem como sujeito o aluno e como o objeto fundamental o ensino nas diferentes áreas através da aula; a creche e a pré-escola têm como objeto as relações educativas travadas no espaço de convívio coletivo, que tem como sujeito a criança de 0 a 6 anos de idade (ou até o momento que entra na escola).

Estudos no campo da Educação Infantil consideram a singularidade do fazer pedagógico com crianças e sinalizam a necessidade de uma pedagogia que forme professores/as para atuar com crianças, que considere os saberes próprios dessa etapa educacional.

É importante ressaltar que durante o estágio houve situações onde tive que recorrer aos saberes aprendido nos componentes curriculares dos semestres anteriores, Psicologia e Educação, foi um deles. Cheguei a me questionar: por que esse componente não foi passado esse semestre. Nesse momento consegui visualizar melhor a matriz curricular do curso de pedagogia do Campus VII, que se constitui numa perspectiva de formação continuada. De acordo com Nóvoa (1991, p. 30) que a formação continuada deve alicerçar-se numa “reflexão na prática e sobre a prática, através de dinâmica de investigação--ação e de investigação--formação, valorizando os saberes de que os professores são portadores”.

Assim, considerando os conhecimentos prévios na área da educação infantil, a partir dos componentes curriculares, comecei a pesquisar sobre o desenvolvimento humano e seus estágios em livros, blogs, enfim, em outras fontes. Já que eu estava com crianças precisava saber o que diz os teóricos acerca de algumas atitudes na infância.

Logo, é fundamental que o docente em formação busque sempre novos conhecimentos, aproprie-se das aprendizagens e reflita acerca das posições e atitudes que terá que desempenhar quanto estagiário. A discussão sobre formação de professores/as reforça a necessidade da formação de um/a profissional, capaz de refletir na ação e sobre a ação e destaca processos de formação que iniciem na análise de situações da prática profissional do docente. Imbernón (2006: 44) afirma que “a formação é um elemento importante de desenvolvimento profissional, mas não é o único e talvez não seja decisivo”, pois considera um conjunto de fatores. A formação continuada de professores está articulada com o desempenho profissional e o reconhecimento de sua efetividade acontece na prática cotidiana.

2. VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS: PONTO CRUCIAL DO ESTÁGIO

A escrita dessa narrativa diz respeito ao resgate das memórias de um processo de formação/educação por meio do método (auto) biográfico. Narrar tais vivências se configurou num desafio prazeroso no sentido de me proporcionar reflexões sobre o meu processo de formação e perceber-me como sujeito/objeto de minha pesquisa, observando através de minhas memórias o amadurecimento pessoal e profissional por meio das experiências em educação infantil.

Ao memorar essas vivências pude também perceber o quanto ainda necessito crescer como pessoa e profissional, e como pesquisadora da área da educação, almejando sempre desempenhar o melhor de mim para o outro, o meu semelhante. De acordo com SOUZA (2007)

Trabalhar com a memória, seja a memória institucional ou a do sujeito, faz emergir a necessidade de se construir um olhar retrospectivo e prospectivo no tempo e sobre o tempo reconstituído como possibilidade de investigação e de

formação de professores (p. 63, 64).

O processo de formação acadêmica fundiu-se em angústias e alegrias. Era o início de minha trajetória profissional, sonhada e planejada, para atuar em favor dos meus semelhantes através da educação, só não sabia que iria me apaixonar tanto pela educação infantil.

2.1 Passo a passo do fazer pedagógico: uma rotina necessária

A rotina pode ser definida como uma categoria pedagógica utilizada nas instituições educativas para auxiliar o trabalho do educador, sobretudo, para garantir um atendimento de qualidade para as crianças (MANTAGUTE, 2008).

A rotina também pode ser considerada uma forma de garantir a tranquilidade do ambiente, uma vez que a repetição das ações cotidianas sinaliza às crianças cada situação do dia. Saber que depois de determinada tarefa ocorrerá outra, diminui a ansiedade das pessoas, sejam elas grandes ou pequenas.

Na Educação Infantil, a rotina torna-se um fator de segurança, pois orienta as ações das crianças e dos/as professores/as favorecendo a previsão de situações que possam vir acontecer. Barbosa afirma que:

A rotina é compreendida como uma categoria pedagógica da Educação Infantil que opera como uma estrutura básica organizadora da vida cotidiana diária em certo tipo de espaço social, creches ou pré-escola. Devem fazer parte da rotina todas as atividades recorrentes ou reiterativas na vida cotidiana coletiva, mas nem por isso precisam ser repetitivas. (BARBOSA, 2006, p. 201).

As ações que ocorrem na Educação Infantil devem estar entrelaçadas, articulando o educar e o cuidar. Dessa forma, podemos dizer que a rotina é uma prática com diferentes ações que ocorrem em nosso cotidiano. Ela possibilita que a criança oriente-se na relação espaço/tempo, reconhecendo seu andamento, dando sugestões e propondo mudanças. Levando em consideração as necessidades da criança, é fundamental que dentre os elementos que compõem a rotina façam parte os horários de alimentação, higiene, escovação de dentes, calendário, chamada, roda de música, oração, repouso, atividades lúdicas e significativas, jogos diversificados como faz-de-conta, exploração de diversos materiais, ou seja, atividades que estimulem o desenvolvimento da criança (MASSENA, 2011).

Assim, elaborei e desenvolvi atividades com as crianças de acordo com a rotina escolar: acolhida, café, atividades permanentes, roda de conversa, hora da leitura, o eixo a ser trabalhado, de acordo com os referenciais teóricos para educação infantil, atividades e atividades variadas. Nesse sentido, articulei minhas propostas pedagógicas de modo que caminhei em harmonia com a rotina estabelecida pela Instituição de Ensino.

Diariamente, abordava eixos diferentes com as crianças: Linguagem oral e escrita, que contemplou o nome e a sua letra inicial, o manuseio de livros, revistas e histórias, sendo o maior foco da minha proposta de estágio a literatura infantil. Coelho (2000, p.27) salienta que a literatura Infantil, é antes de tudo “literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida através das palavras. Funde-se os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização”.

Já Abramovich (1997, p. 16) reforça “[...] como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão de mundo”. Nesse sentido

realizei contação de histórias diariamente através dos livros infantis, podendo perceber as emoções nas crianças ao ouvir ao ouvi-las. Segundo Abramovich (1997),

[...] tristeza, raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais, é viver profundamente tudo o que as narrativas provoca em que as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas (fez ou não) brotar. Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário (p.17).

E os sentimentos surgiram, produzindo emoções indescritíveis. Portanto, contar, histórias e trabalhar com literatura traz, como parte da proposta pedagógica imposta pelas Políticas Públicas para Educação infantil, o desenvolvimento da criança, pois Abramovich (1997, p. 23) coloca ainda que “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer de um texto”.

Nessa perspectiva, foi imprescindível focar nessa proposta literária, pois constatei que as crianças desenvolveram mais o ato de ouvir e falar. O eixo matemática, trabalhado todas às terças com a manipulação de objetos e brinquedos, as cores, os numerais de 0 a 3, localização - dentro e fora, o calendário e os dias da semana.

As quartas-feiras trabalhava o eixo natureza e sociedade – ciências sociais: a família, a escola e as datas comemorativas. Nas quintas-feiras eram realizadas atividades, com o eixo principal do dia Natureza e sociedade (ciências naturais): a criança, partes do corpo, reconhecimento e nomeação das três principais partes do corpo. Já nas sextas-feiras o eixo articulador era o movimento, cujo contemplou atividades que desenvolvessem a expressividade, equilíbrio e coordenação.

Os eixos como música, artes visuais e identidade e autonomia eram praticados todos os dias. As propostas e práticas pedagógicas eram muito lúdicas. Todas as atividades obedeciam aos dois grandes eixos estruturantes da Base Comum Curricular. Conforme a BNCC (2017).

A Base Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Aplica-se educação escolar, tal como define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo dessas etapas e modalidades da Educação Básica. [...] orientadas pelos princípios éticos e estéticos traçados pela Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica (DCN), a BNCC soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (p.5).

Nesse sentido, tais propostas tornam-se auxiliadoras para articular a educação de um modo que trouxesse significados. Portanto, pude direcionar meu estágio visando garantir direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil que, conforme a BNCC (2017) são seis:

·Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas;

·Brincar de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes

parceiros (adultos e crianças), de forma a ampliar e diversificar as suas possibilidades de acesso a produções culturais. A participação e essas transformações introduzidas pelas crianças nas brincadeiras devem ser valorizadas, tendo em vista o estímulo ao desenvolvimento de seus conhecimentos; sua imaginação; sua criatividade e suas experiências corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais;

·Participar ativamente, com adultos e outras crianças [...] das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes;

·Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos e elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia;

·Expressar como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens;

·Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, construindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário (p.18).

Diante dessa perspectiva, procurei alcançar as propostas vivenciando momentos únicos ao lado das crianças. Ao desenvolver as atividades muitos sentimentos e emoções surgiram. As crianças são demasiadamente intensas ao demonstrar seus sentimentos.

Acredito que o maior desafio que encontrei foram os conflitos entre os pequeninos, cabe ressaltar que, através de informações e observações possibilitou identificar que a maioria das crianças da creche escola vem de um contexto social muito difícil e muitas vezes refletem as suas reações violentas no âmbito escolar, mas também descobri que algumas ações fazem parte do estágio de desenvolvimento da criança, tornando-as mais egocêntricas. Nesse sentido, Azevedo (2012) menciona que,

O estágio, segundo Piaget, sensório-motor (0-2 anos), nessa fase do desenvolvimento, o campo da inteligência aplica-se a situações e ações concretas. Trata-se do período em que há desenvolvimento iniciais das coordenações e relações de ordem entre ações. É também o período da diferenciação entre objeto e o próprio corpo [...] o estágio Pré-operatório (2, 6/7 anos) é a fase em que as crianças reproduzem imagens mentais. Elas usam o pensamento intuitivo que se expressa numa linguagem comunicativa, mas egocêntrica. Porque o pensamento delas está centrado nelas mesmas (p. 20).

Logo, os conflitos eram inevitáveis, especialmente quando havia brinquedos envolvidos, sendo necessário trabalhar a afetividade como fórmula para desenvolver o cognitivo e direcionar as crianças a se tornarem sujeitos críticos, autônomos e responsáveis. Antunes (2006), coloca a afetividade como

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se “encontra” escrita na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da

espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor (p.05).

Em nenhum momento permiti que situações conflituosas passassem despercebidas. Conversava com a criança mostrando-lhe a consequência de seus atos ao agredir o colega. Outras metodologias que utilizei foram as músicas infantis, com o intuito de despertar o “cuidado” pelo outro e as rodas de conversa. Costa, Assunção e Silva (2010) afirma que,

A roda de conversa é uma atividade diária e cabe ao professor decidir o momento e o local certo de fazê-la. Geralmente é formada por crianças, sentadas no chão, juntamente com a professora, e sua duração depende do interesse e da concentração da criança [...] este momento precisa ser valorizado e planejado antecipadamente para que não se torne monótono e chato (p.10).

Nesse viés pude conversar sobre sentimentos como o carinho, cuidar do outro e de si e o respeito, observando que os resultados, na maioria das vezes eram positivos.

Posso afirmar que foi uma aventura desafiadora trabalhar todas essas propostas e vivenciar momentos ímpares com as crianças, bem como articular práticas que promovessem a aprendizagem e, confesso que nem tudo foi alegria. Senti-me frustrada diversas vezes porque em alguns momentos as atividades não saíam como eu planejava e pensava, mas sabia que, se não deu certo é porque eu precisava me rever, avaliar minhas atitudes para fazer diferente. Logo, essa reflexão permite assinalar meu estágio como algo positivo diante de tantas aprendizagens.

CONSIDERAÇÕES: CONFIRMANDO APRENDIZAGENS

Chegando ao final dessa etapa ao contrario de Alice eu pergunto: “Poderia me dizer, por favor, que caminho tomar para permanecer aqui” Certamente não foi o caminho mais longo, mas com certeza foi o caminho mais prazeroso. Exigiu-me abertura para o conhecimento, para novas descobertas, para a parceria com o professor, com os/as colegas, com a regente.

Senti-me perdida, mas me encontrei nas aulas interativas realizadas no contexto universitário. Houve todo um preparo para o estágio, através de momentos, que denomino como etapas: pré-estágio, estágio e pós-estágio. As duas primeiras etapas foram fundamentais para me preparar para atuar em sala de aula de uma creche, com crianças de dois anos. A primeira porque houve todo um trabalho embasado por teóricos, estudiosos e pesquisadores da infância, etapa do desenvolvimento humano e criança sujeito de direitos.

A segunda porque tive a oportunidade, em sala, trocarmos experiências, durante o estágio, narradas oralmente. E a terceira, não menos importante que as outras, possibilitou-me refletir e recordar acerca das minhas posturas, atitudes, propostas e práticas através da escrita deste artigo.

Logo, chego a definir meu estágio como construtor de conhecimento, pois as informações que registrei, em linhas, até iniciar o estágio não conhecia. Aprendi, mas não é o fim. Pretendo aprender mais, sentindo-me motivada a agregar mais conhecimento às minhas práticas e a cada dia me constituir docente “[...] desde que eu chegue a algum lugar”.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: gostosuras e bobices/ Fanny Abramovich- São Paulo: Spicione, 1997-Pensamento e ação no magistério. 5 ed.

ANTUNES, Celso. A afetividade na escola: educando com firmeza. Londrina: Maxiprint, 2006. 194p.

AZEVEDO, Guília Eitelurg. Estágios do desenvolvimento segundo Piaget. Disponível em <http://www.aticaeducacional.com.br/htdocs/pcn/pcns.aspx cod=54>. Acesso em 12.04.18 às 14:00 horas.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil/ Secretaria de Educação Básica, Brasília, MEC, SEB,2010.

CARROLL, L. Alice no País das Maravilhas. Trad. Rosaura Enchemberg. Porto Alegre: L&PM, 1999. (Coleção L&PM Pocket, v. 143). Título original: Alice's adventures in Wonderland.

COELHO, Nelly Novais. Literatura Infantil: teoria e análise didática/ Nelly Novais Coelho- 1ed. Moderna, 2000.

COSTA, Jéssica Fernanda Nogueira; Silva Natália Vaz, Assunção, Eliete Cruz; Silva Edna de Sousa. Roda de conversa na Educação Infantil: qual o sentido da sua prática Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br>. Acesso em 10/06/18 às 18:00 hrs.

FARIA, Maria Alice. Como usar a literatura infantil na sala de aula. Maria Alice Faria. 5 ed-São Paulo: Contexto, 2010. ´

GUIA prático da BNCC. Revista Construir Notícias. Ano 16. Julho/agosto 2017. Distribuição dirigida. Circulação nacional. Nº 95. ISSN 2236-3505

IMBERNÓN, Francisco. Formação docente e profissional: Formar-se para a mudança e a incerteza. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2006

LUGLE, Maria Andrea Cavanimone; Magalhães, Cassiana. O papel do estágio na formação do professor dos anos iniciais, do ensino fundamental. Revista Eletrônica Pró- Docência – Edição número 4, vol. 1, jul-dez, 2013 issn. Disponível em: <http://www.uel.com.br/revistasprodocienciafope>. Acesso em 05/06/18.

NÓVOA, António. **Concepções e práticas da formação contínua de professores** In: NÓVOA, António (org.) Formação contínua de professor es: Realidade e perspectivas. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. (org). O trabalho do professor na Educação Infantil. São Paulo, Biruta, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido; Lima Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. *Revistas Paeses*-vol. 3e4, pp5-24, 2005-2006.

RAMOS, Sandra Lima de Vasconcelos. *Jogos e brincadeiras na escola: orientação pedagógica*. Sandra Lima de Vasconcelos Ramos. Editora Respel, São Paulo, 2014. 192p.il.

RAYS, O. A. **A relação teoria-prática na didática escolar crítica**. In VEIGA, I.P.A. (org). *Didática: o ensino e suas relações*. Campinas: Papyrus, 1996, p. 33-52.

REHEM, Faní Quitéria Nascimento; Faleiros Vicente de Paula. A educação infantil como direito: uma dimensão da materialização das políticas para a infância. *Rev. Dialogo. EDUC*, Curitiba, v 13, n 39, p. 691-710, maio/ ago 2013.

SANTANA, Djanira Ribeiro. *Infância e educação infantil no Brasil: Percursos e percalços*. Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer. Goiânia, vol.7, n.12.2011.

SCHMUTZ-BRUN, Catherine. Les histoires de vie comme processus de connaissance de son oralité/écriture et processus Formateur de dynamiques langagières. *Communication au collo que de ren nes: cul tu res et mou ve ments*, sept., 1998.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Pesquisa Narrativa e (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas**. *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre; EDIPURCS. 2006.